

## Isolde Hötte - Análise Vida e Obra

Isolde Hötte é uma artista plástica paranaense que teve contato com a emergente corrente do Expressionismo Alemão em Berlim (meados de 1924), produzindo quadros super atuais e de grande impacto para além do seu tempo. Ela se desenvolveu enfrentando posicionamentos conservadores machistas da arte do Paraná no século XX (BANESTADO, 1991). Nessa perspectiva, os precursores da arte em nosso estado eram majoritariamente homens, num enfoque do papel masculino em detrimento a feminilidade que era imposta por valores burgueses, uma vez que todos aqueles canonizados como precursores da arte moderna eram homens. (Pollock, Griselda. *Vision and Difference*. 2 ed. Londres/Nova York, Routledge, 1993)

Nascida em 09 de outubro de 1902, a artista possui descendência alemã. Sua cidade natal é Joinville, Santa Catarina, apesar de logo ter se mudado para Curitiba, Paraná, com seus pais, que tinham negócios prósperos e uma vida abastada na capital. Isolde desde pequena demonstrava um gênio forte e humor temperamental, que mais tarde a faria persistir no meio estreito da produção artística feminina entre a arte tradicionalista e acadêmica do Paraná, e refletiria em aspectos peculiares de sua vida, como a falta de datação em suas obras e a resistência em vender seus quadros. (GAZETA DO POVO, 2010)

Alfred Emil Andersen ou Alfredo Emílio Andersen, foi um artista norueguês que veio ao Paraná em 1892, aclamado por sua fama no pioneirismo da arte paranaense e pela sua grande trajetória desde a Academia Real de Belas Artes em Copenhague, Dinamarca, até sua misteriosa decisão de ficar no Paraná, apesar de seu renome na europa. (PINÓ, 2024) Tornou-se o primeiro instrutor de Hötte, que tinha apenas 13 anos. Devido a sua idade, Alfredo teve de atendê-la em casa já que não era permitida a presença de mulheres no seu ateliê. ([GAZETA não identificada]. **Curitiba**, [1990?] )

Este fato remonta a questão da objetificação das mulheres, onde estas eram retratadas de uma maneira exclusiva ao âmbito privado e impelidas à expressão de si mesmas de maneira sucinta, onde os encontros retratados ou imaginados são aqueles entre homens que têm a liberdade de transportar seus prazeres a diversos espaços urbanos e mulheres, pertencentes à uma classe subalterna, precisam trabalhar em tais lugares, frequentemente vendendo seus corpos a clientes ou artistas. (Pollock, Griselda. *Vision and Difference*. 2 ed. Londres/Nova York, Routledge, 1993)

Já adulta, com 19 anos, Isolde Hötte vai à São Paulo estudar desenho e suas técnicas num grande contato com a arte Paulista e seus ideais modernistas, financiada pelos seus pais que a mantinham por lá. Paralelamente, em seu breve período de dois anos (1921-1922) na capital paulista, ocorreu a Semana de arte moderna com sua grande potência em romper com os fortes padrões impostos na produção artística brasileira, apesar de ser, em parte, promovida pela elite, os cafeicultores paulistas. Contudo, não há registros que marquem sua presença neste movimento cultural, mesmo sendo indiscutível que uma artista que transitasse pela cidade tenha tido algum contato e sido afetada pelos rompantes de tal fato histórico da arte brasileira. (GAZETA DO POVO, 2010)

Como observa-se, há algumas obras de Hötte que acredita-se terem sido produzidas antes, ou mesmo durante sua viagem à São Paulo, esta incerteza do período ocorre pois a artista era muito apegada a seus quadros, e há relatos de seu filho que comprovam uma despreocupação em vendê-los e por conseguinte em torná-los comerciais num viés capitalista, afinal os períodos atribuem valorações diferidas do produto. (GAZETA DO POVO, 2010)

As produções em questão apresentam uma paleta de cores restrita de variações que mais tarde é totalmente invertida por suas pinturas influenciadas pelo expressionismo alemão e pela semelhança com os quadros de Andersen, seu primeiro tutor, que tem como enfoque paisagens tematizando o Paraná, apesar de suas pinturas fugirem da “academicidade”. Também usa de pinceladas fortes e o desenho sem formas detalhadas, ou enfeites, mas sim se preocupando em apenas simbolizar o todo.

Após esse período na capital paulista, Hötte segue viagem para a Alemanha, com seu pai, para continuar seus estudos. Isto ocorreu num momento onde a comunicação da realidade lá enfrentada era escassa, e irreal uma vez que era a visão de alguém que lá tinha estado e que talvez nem entendia a língua de um lugar onde, muitas vezes, não era nativo. (Urry, John. *The Tourist Gaze*. SAGE Publications, 2002.) O que ocorreu é que, nesta época, a Alemanha tinha acabado de sair da primeira guerra, sofrendo as sanções vexatórias do tratado de Versalhes que lhes obrigava a assumir a culpa pelo conflito, e pagar multas condicionadas a seu poder bélico e territorial, criando assim uma revolta silenciosa na população que viria a culminar na segunda guerra mundial.

No entanto, em Berlim, Isolde se depara com a efervescência das artes modernistas que ocorriam na Europa como um todo. Destarte, a maior influência que presenciara lá, sem dúvidas, foi o expressionismo alemão. (GAZETA DO POVO, 2010)

O expressionismo alemão tem como escopo retratar os sentimentos humanos, as angústias, os medos. Tendo grande influência da cinematografia, se mostram alguns elementos teatrais como por exemplo a dramaticidade intensa, a maquiagem pontual e cenários abstraídos, remetendo a sonhos; Estes elementos são convertidos à pintura em produções incríveis. (Gombrich, Ernst H. *A História da Arte*. LTC, 2000.)

Emil Orlik, nascido em Praga, no antigo Império Austro-Húngaro, aluno de Paul Klee, que por sua vez era amigo de Picasso, Kandinsky; obteve um cargo no Museu de Artes Decorativas em Berlim, e foi professor na academia berlinese de Artes e Ofícios, sendo quem guiou os estudos de Isolde em Berlim, ensinando a ela métodos de pintura a óleo.

Emil possui grande influência de diversos países da europa, e estudou métodos de gravura em Hong Kong, na China, e mais tarde no Japão. (MAHLER FOUNDATION, S.D)

Em Berlim, Hötte se casa e tem um filho, contudo por causa de uma crise conjugal e do falecimento de seu pai, ela volta para Curitiba com seu filho na esperança de voltar à Alemanha em outro momento. Curiosamente, no navio de volta ao Brasil, há um reencontro com Alfredo Andersen que a encoraja a realizar suas produções assim que voltasse à cidade.

Ao chegar em seu destino, Isolde, enquanto mulher solteira e mãe, enfrenta uma realidade dura de rejeição, afinal dentro das especificidades de classe, a feminilidade é preservada pela polaridade virgem/puta, e a liberdade das mulheres se estreitava ao mero olhar que estava atrelado ao conhecimento.

Em Curitiba, as artes plásticas eram controladas por nomes geralmente desfavoráveis à expressão dos problemas culturais da modernidade e a própria Escola de Belas Artes, a única com um ensino formal, mantinha certos métodos calcados no conservadorismo. Destarte, aos poucos a artista se isolou, sendo relatado que isto era devido à sua timidez. (Freitas, Arthur. A consolidação do moderno na história da arte do Paraná: Anos 50 e 60. s.d)

Lange de Morretes artista paranaense, que estudou com Andersen, curiosamente igual a Hötte com 13 anos, e que também foi a Berlim estudar, passou pela academia de Belas Artes de Munique, e foi um dos primeiros a inovar a pintura utilizando espátula na técnica de empasto; foi professor nesta fase de Isolde. (SALUTARI, Afonso Luis. *Frederico Lange de Morretes, liberdade dentro de limites: trajetória do artista-cientista*. Tese (Mestrado em Sociologia). Curitiba: UFPR, 2007)

Durante este período de vida da autora, suas pinturas produziam um ar sombrio e carregavam pinceladas fortes, com a abstração das formas e a expressão de sentimentos intensos.

Em meados dos anos 50, Isolde começa a ter aulas de cerâmica com a professora Adelaide Knauer, que não possui registros artísticos, nem de sua vida. Durante este período a Isolde não apresenta tanto êxito em comparação com sua carreira artística. (GAZETA DO POVO, 2010)

No ano de 1958, Hötte decide ir morar em Porto Alegre. Poucos dados têm-se durante este período, mas se imagina que ela tenha realizado alguns trabalhos artísticos, embora não haja exposições de arte em que participou.

Aos 83 anos, em sua velhice, a artista plástica volta a Curitiba (1985), onde seu filho havia construído um grande ateliê para sua mãe que a motiva a continuar com suas criações artísticas - agora com aspectos mais alegres. (DIÁRIO DA TARDE, 1935)

Nestas obras ainda vemos uma grande influência expressionista, com pinceladas fortes, cores fortes, trazendo um aspecto diferente do que nos era apresentado nas emoções tristes antes expostas.

Perto dos 90 anos, infelizmente, Hötte é acometida por uma cegueira que a impede de continuar produzindo. E com 92 anos, em 11/03/1994, a artista falece deixando o acervo de seus quadros com seu filho, Franz Hopker. (DIÁRIO DA TARDE, 1935)